

tema 1: "El mundo de los animales"

objetivos de aprendizaje

1. Identificar los principales grupos de animales.

2. Reconocer las características de cada grupo.

Variações sobre o mesmo tema em "Missa do Galo"

Maria do Carmo Lanna Figueiredo

Resumo

O estudo analisa a leitura-escritura da coletânea "Missa do galo - variações sobre o mesmo tema", enfatizando o processo de interação promovido por seus autores com a tradição literária brasileira, na figura do "mestre" Machado de Assis.

Abstract

Through the perspective of the theory of reception, this study aims at analysing the process of interaction promoted by the authors of the collection "Missa do galo, variações sobre o mesmo tema", with the work of Machado de Assis. It searches to emphasize the importance of the role played by this reading-writing process in the universe of Brazilian literary tradition that points out to Machado as the master of Brazilian Literature.

O conto "Missa do Galo" de Machado de Assis vai-se transformar em uma obra coletiva, sob o título *Missa do Galo, variações sobre o mesmo tema*¹. Com essa obra, seis autores brasileiros contemporâneos: Osman Lins, Julietta Godoy de Ladeira, Nélida Piñon, Autran Dourado, Antônio Callado e Lygia Fagundes Telles, pretendem prestar uma

homenagem a Machado de Assis e, através dele, à arte de ficção.

Proposta como exercício literário, a leitura do texto de Machado oferece aos seis escritores oportunidade de reagrupar, mediante citações e revisões do passado, o seu instrumento artístico e o tempo presente, em recuperação dialética do já feito, sob novas coordenadas culturais e temporais. De acordo com as tendências teóricas da estética da recepção, a leitura criativa das obras literárias renova o sentido e o valor delas, porque estabelece entre o leitor e a obra uma relação de reflexividade que se torna produtiva. Essa opinião, principalmente defendida por Jauss, propõe a capacidade de diálogo da obra com o leitor e com os contextos nos quais é lida como o elemento que vai comandar a sua permanência no tempo ².

Acredito que, ao apresentar algumas considerações sobre o conto "Missa do Galo", de Machado de Assis em relação com a obra *Missa do Galo, variações sobre o mesmo tema*, estarei com os seis autores prestando também minha homenagem a Machado de Assis e, espero, contribuindo para o esclarecimento da posição do autor na Literatura Brasileira. Dando conta de que Machado de Assis não é apenas o grande nome da nossa história literária, mas um autor presente e atual, cuja presença e atualidade o livro *Missa do Galo, variações sobre o mesmo tema* salienta de maneira irrecusável.

O entusiasmo que cada um dos autores revela pela obra de Machado de Assis deixa perceber uma unanimidade de intenção: trata-se de uma leitura-homenagem em que estes autores, nas suas *variações*, revêem a posição de Machado na Literatura Brasileira. Passo a relatar o depoimento deles, por ocasião do lançamento do livro.

Nélida Piñon confessa ter sido este "um momento muito feliz, um jogo de domínio da situação machadiana em que nos foi dado reforçar nosso amor pelo mestre". Declara também que lhe cabendo ser o Menezes, a quem Machado concede modesto espaço no conto, desenvolve-o de forma a deixá-lo como filho de Machado mais que seu, porque "Jamais se quis outra 'Missa do Galo'. Para todo o sempre da língua portuguesa a de Machado é a única e definitiva".

Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira reteram a mesma intenção ao afirmar desejarem "trazer Machado de Assis à vida com unido e emocionado calor" e que "(...) vivendo o mesmo arrebatado que envolveu Conceição e o jovem Nogueira naquela noite de Natal () o mais importante para nós é, sem dúvida, a

homenagem que prestamos a Machado de Assis". (Osman Lins assume a mesma perspectiva machadiana - a do Nogueira, e Julieta a de Conceição).

Autran Dourado considera "um desafio fazer um conto machadiano que também fosse meu". Sua visão, intitulada "Mote alheio e voltas", traz o ponto de vista do escrevente juramentado de Menezes, citado apenas no final do conto. O autor ressalva, "Eu não poderia, certamente, correr na mesma raia de Machado de Assis".

Antônio Callado, a quem coube desenvolver D. Inácia, a sogra, declara tê-la imaginado "como uma heroína machadiana forte (...) porque as mulheres de Machado têm uma marca extraordinária".

Lygia Fagundes Telles, achando a idéia apaixonante, através da visão de quem tudo sabe, tudo vê, revela-se "perplexa diante da vontade de juntar as personagens para o amor e a certeza de que nada seria mudado em profundidade".

O depoimento dos próprios autores nos revela que seu entusiasmo pela obra machadiana se alia ao desejo de serem inscritos, com Machado, na tradição literária brasileira, o que se verá confirmado pelo texto das *variações*.

A leitura-escritura do conto "Missa do Galo" faz-se em várias perspectivas, conduzidas pelos diferentes pontos de vista que vão introduzir a visão específica de cada um sobre o conto e sobre a obra machadiana. O título do livro - *Missa do Galo, variações sobre o mesmo tema* - como as variações na música - se refere à repetição, ou retomada, em outros tons ou vozes, ritmo, harmonização, arabescos, de um mesmo tema melódico, deixando-o permanecer, todavia, bem reconhecível.

O procedimento que rege a composição da obra vai-se pautar pelo comportamento musical, conectando pontos de vista aos tons e o ritmo, harmonização e arabescos, às diferentes modalidades estilísticas, próprias de cada diferente autor, deixando o tema melódico permanecer bem visível. Os autores, em seu texto, não abandonam as próprias características, já bem definidas - trata-se de autores amadurecidos no ofício e reconhecidos pelo público leitor e pela crítica literária. Revelam, assim, que Machado vai ser encarado como mestre e como um companheiro a mais, ou seja, matriz que pode ser modificada enquanto participa do edifício que se constrói pelas várias narrativas. E seu conto-modelo, perdendo a profundidade de gerador de ramos, propaga-se em inumeráveis melodias nas "salas e corredores da ficção", como nos declara Osman Lins no prefácio do livro.

Nas *variações*, o problema da autoria torna-se difuso e contraditório, porque não se enquadra na transcrição, tradução, plágio ou adaptação. As *variações*, como o *intermezzo*, não começam nem terminam. Podem ser retomadas a partir de qualquer compasso, da forma escolhida por um autor que o modifica, fazendo dele novo ponto de conexão com diferentes ornatos, criados por ele, em cadeia ininterrupta. Os autores seguem a especificidade da variação musical ao relativizarem a instância autoral, igualando a melodia - o conto de Machado - à nova leitura que se faz dela - os seis outros contos.

Não se trata de uma operação narcísica, em que os autores, nas suas variações, se assimilam à imagem refletida de Machado. A execução individualizada dos contos reforça a condição de alteridade das variações: a melodia, sendo a mesma, toca-se em tom, harmonia e ritmo diferentes. A escolha de Machado recal, pois, nessa aceitação da alteridade que ele impõe, na Literatura Brasileira, em relação a seus pares e a escritores da Literatura Universal. Criticando o monismo, o positivismo, o apego ao real enquanto mimese da realidade mesma, a obra de Machado presta-se à ilustração da dialética *tema-variações* que os seis autores aprofundam em seus contos. Ao fazer da homenagem a Machado uma incursão na problemática do texto dominante - a melodia de "Missa do galo" -, respondem a essa representação no nível da fabulação - as *variações*, como jogo diferencial em que exercitam a sua individualidade no espaço maior da Literatura Brasileira. Operam, desse modo, a literalização da figura do modelo que, assim, é homenageado juntamente com a arte de ficção, acentuando que o aspecto literário da experiência das *variações* reflete um panorama mais amplo, em que Machado não aparece como arquétipo único.

A homenagem não se vincula à idéia de imitação - forma de aprimoramento de uma obra segunda em relação a um modelo - mas comporta a idéia de reconhecimento do valor literário do modelo, que não se quer ver esquecido. E, nesse contexto, ocorre um deslocamento, como nas variações melódicas: Machado de Assis deixa de ser o lugar de referência que estabelece hierarquias e a "Missa do galo", "obra-prima incontestável da Literatura Brasileira", segundo o depoimento dos autores, pode ser concelebrada com o entusiasmo da participação coletiva.

A concelebração da missa do galo acaba por descentralizar a figura de Machado naquilo que imobilizaria seu valor literário, invalidando suas conexões com a mutação do mundo e do contexto social. As *variações* não tentam reconstruir o vivido - o

corpus literário e passado da Literatura Brasileira - e sim, articulá-lo, no presente literário, com autores que o vivem e constroem. Procuram, assim, expressar algo que deve ser conservado, ou seja, a arte de ficção que o autor, em seu trabalho literário soube tão bem cultivar.

Interessa-me acentuar que a leitura das seis variações, atualizando o conto "Missa do galo", o modifica, fazendo-o proliferar na horizontalidade. Depois delas, "Missa do galo" nunca mais será o mesmo, contradizendo o depoimento de Nélida Piñon: "Jamais se quis uma outra 'Missa do galo'. Para todo o sempre da língua portuguesa, a de Machado é a única e definitiva". O leitor das *variações* não se furtará de contrastar os sete textos. No contraste, poderá perceber que Machado, chamado postumamente a fazer parte da coletânea, passa a participar dela como uma variação a mais do mesmo tema.

A leitura que Machado faz da tradição, em "Missa do galo", conserva-a pela modificação. A condensação dos códigos sagrado e sexual, no episódio narrativo, transporta o leitor para o interior das duas instâncias que, apresentadas como diversas pela tradição, mas interagindo no conto, produzem o magnífico efeito ficcional que se pode ler. Um dos grandes recursos ficcionais de Machado será exatamente este: propor a seus leitores a face de homens e mulheres comuns da classe média brasileira, com seus problemas e paixões vulgares, através de uma elaborada articulação pessoal da arte de escrever, aprendida no convívio dos grandes escritores nacionais e estrangeiros.

Por não apresentar, em situações estanques, a vida e a literatura, universal e nacional, pôde ele estabelecer uma linguagem pessoal e única que seus contemporâneos e pósteros apreendem. O diálogo respeitoso que trava com o já estabelecido não o impede de modificá-lo, de apontar-lhe as mazelas com ironia, de deslocá-lo de sua falsa posição hierárquica e de promover a continuidade pelo descontínuo. Não é gratuitamente que a metonímia e a memória se destacam, na preferência de Machado, como recursos ficcionais.

Essa capacidade de transcender situações particulares a partir delas próprias explica a causa da posição privilegiada desse escritor no contexto da Literatura Brasileira. Conforme a nomenclatura da estética de recepção, sua obra apresenta um enfoque diacrônico e sincrônico que lhe possibilita contínua capacidade de diálogo com o leitor, medida de sua durabilidade.

As *variações sobre o mesmo tema*, ao repetir o processo machadiano sem se opor a ele ou contrariá-lo, reforçam o fazer

literário de Machado e passam a pertencer a seu grupo, levando-o além, na transtextualidade em que todos os autores formam o uno-múltiplo do livro. Tal posição já se acha assegurada pelo texto-modelo.

"Missa do galo" prevê, em seu enunciado, um destino interpretativo múltiplo, na criação de seus vazios e ambigüidades por um narrador não-onisciente e, mesmo, impotente diante da interpretação do episódio de seu passado. O narrador introduz-se na história pelo desejo de assistir à missa do galo na Corte - posição do leitor que deseja ler o conto, posição dos seis autores que desejam ler a literatura através de Machado. "Nunca pude entender (...)" e "(...) há muitos anos (...)" são passagens que colocam a narrativa à mercê da interpretação do leitor, porque expõem as lacunas de um narrador reticente que se confessa incapaz de interpretar o que narra: "Há impressões dessa noite que me parecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me". Essa é a situação de um leitor que necessita de juntar as coordenadas da história para compreendê-la. Um leitor adulto, tentando analisar fatos que lhe ocorreram "há muitos anos" e, portanto, bem próximos do esquecimento.

A narrativa contrói-se numa rede de hipóteses, todas igualmente prováveis ou improváveis. Por esse artifício, apela para a colaboração do leitor, deixando disponível sua entrada na história. A disponibilidade da interpretação contrastante ou múltipla obtém-se, paradoxalmente, através do ponto de vista em primeira pessoa, tradicionalmente ligado à visão unilateral do fato narrado, ou seja, a de um narrador que, tendo vivido ou presenciado o fato que narra, fala do que sabe. O modo como esse ponto de vista é elaborado no conto inverte essa perspectiva e solicita ao destinatário, pela curiosidade e pelo desejo, resolver com o narrador o problema que este explicitamente deixou não-resolvido. "Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta" são os dizeres iniciais do conto. A narrativa constrói-se, pois, numa situação de leitura.

O processo narrativo machadiano acha-se exposto às leituras que seus companheiros articulam, personificando cada um em suas *variações*, o leitor implícito que Machado chama a cooperar com ele. "Missa do galo", texto aberto, a almejar um sem-número de interpretações não-excludentes, acha resposta nos seis pontos de vista que se inserem nas possibilidades interpretativas propiciadas por cada autor⁴. Pela fratura da linha narrativa machadiana, adentram-se as seis outras narrativas,

como que ajudando a lembrança do primeiro, que se torna, assim, mais capaz de traduzir o vivido e de continuar o relato. Os outros seis autores contam com a memória da literatura, da transtextualidade, do texto, para alterar as funções tradicionais: leitor-autor, fonte-influência, obra maior-obra menor. Por deslizamento, o fenômeno de deslocamento que se encontra na matriz da obra machadiana aparece estabelecido como eixo da coletânea e recebe um novo aval na recepção criativa das *variações*.

O metaliterário, além de explicar a possibilidade da leitura-escritura das *variações*, permite perceber a eleição do conto como imagem simbólica de uma época definida - "Era pelos anos de 1861 ou 1862" -, e como signo de atualidade. Atualidade que se confirma no registro contemporâneo da queda das barreiras tradicionais que aprisionam o texto, o autor e, em maior escala, a leitura em esferas compartimentalizadas do processo narrativo. Principalmente a última, na maior parte das vezes esquecida pelos estudiosos, que tendiam a considerar a cadeia da comunicação problema a ser resolvido entre autor e texto. Se agora, inaugura-se "a época do leitor" para os estudos literários, Machado preconizava-a em sua ficção, quando incluía a colaboração do leitor na engrenagem do texto.

A atitude do modelo machadiano, através da apresentação crítica das contradições de suas personagens e de seu tempo, constitui o ponto de partida para acolher essa operação, distinta daquela codificada por ele. De sua ficção, da tradição dos oitocentos, surgem possibilidades de renovação que absorvem o passado na linguagem e na problemática da atualidade. Machado percebe a fragilidade do descritivismo e da cor local, que bane de seus livros em benefício da consciência aguda do ficcional. Exemplifica, assim, um importante aspecto de fundação criadora da dependência, modo peculiar em nosso país de ser original. Reverte a imitação em assimilação recíproca, em participação igualitária nos recursos que se tornam bens comuns e dos quais se participa como variedade cultural e não, como cópias secundárias e reflexas.

Antonio Candido considera que obras não influenciadas por modelos estrangeiros imediatos, mas por modelos nacionais internos representam um estágio fundamental na superação da dependência e na capacidade de produzir obras de primeira ordem⁶. Nesse contexto inserem-se as *variações*, onde muitas vozes individualizadas compõem o texto final, que se propõe como leitura revificadora da "obra-prima" e do "clássico" da Literatura

Brasileira. Tal leitura atualiza o contexto desejado pelo modelo, ao enfatizar a multiplicidade da palavra literária pela recepção. O valor da obra lida e revisitada se verá acrescido e justificado pelas muitas e variadas leituras a que se presta. As variações induzem a uma recuperação mais profunda do autor Machado e do seu tempo, do texto e contexto de origem, concretizado pela presença de outros modelos e questionamentos da realidade, quando imergem o conto no seu próprio estilo. Propõem, desse modo, um comércio ativo entre os contextos passado e presente da Literatura Brasileira.

Através do todo-coletivo, distingue-se a individualidade, problematizada no confronto com o contexto literário nacional e universal. Indica assim a medida pela qual se insere na literatura contemporânea que se volta para a multiplicidade e para a ausência de hierarquias entre gêneros e instâncias literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSIS, Machado et al. *Missa do galo, variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977.
2. JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
3. Os depoimentos acham-se em *O Globo*. Rio, 23.11.1977; *Luta Democrática*. Rio, 30.11.1977; *Jornal do Brasil*. Rio, 24.12.1977; *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24.12.1977.
4. A situação de leitura desenvolvida nas variações remete a obras teóricas sobre a estética da recepção tais como: ISER, Wolfgang. *The Implied reader*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1974.; *The act of reading*. London: Rouledge & Kegan Paul, 1978. e ECO, Umberto. *Lector in fabula, a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Attilio Cancian, São Paulo: Perspectiva, 1986.
5. CANDIDO, Antonio et al. *Literatura e subdesenvolvimento. América Latina em sua literatura*. S. Paulo: Perspectiva, 1972. p.354-5. A posição do ensaísta brasileiro apresenta pontos de contato com a de T. S.Eliot. *Tradition and The Individual Talent. Selected Essays*. 2. ed., London: Faber and Faber Limited, 1934, p. 13-22., por enfatizar o discurso da tradição.

FACULDADE DE LETRAS / UFMG
BIBLIOTECA